

Muito prazer

RODRIGO FISCHER

» MAÍRA DE DEUS BRITO

Ator, diretor, acadêmico. Rodrigo Fischer é múltiplo, assim como seu trabalho. Com 20 anos de carreira, ele é um dos principais e mais inventivos artistas de Brasília. Nas produções mais recentes, como *Misanthrofreak*, ele analisa relações de cinema, de teatro e de tecnologia. “A tecnologia é muito sedutora. Por isso, é importante pensar até que ponto ela pode contribuir para o seu discurso”, destaca. Em agosto, ele mostrará ao público do Cena Contemporânea o espetáculo 2+2=2, que teve estreia em fevereiro, na Geórgia. A convite do Akhmeteli Theatre de Tbilisi, Fischer montou uma peça em menos de um mês, com atores que falam apenas georgiano, mas não têm barreiras de idioma. “Uso a legenda de uma outra maneira que não a tradicional. Ela é quase uma personagem, pois tem uma postura crítica”, adianta.

Como o teatro entra na sua vida?

O modo como o teatro entrou na minha vida foi um pouco peculiar. Eu não tinha interesse. Não existia aquela história: “Sempre quis isso desde pequenininho”. Ou era o cara engraçado, contador de histórias. Pelo contrário, nunca tive o estereótipo de ator, que é desinibido. Fui para o teatro justamente para ser menos tímido. Minha família não tem uma tradição cultural, então, vi poucas peças quando era criança. Em 1995, entrei em um curso na Casa do Candango, com o Plínio Mósca. A partir dali, fui dominado pelo teatro e cheguei à conclusão que era o que queria fazer da vida. Eu era o pior da turma. Não conseguia decorar um texto. Acho que sempre busquei desafios e o teatro foi o maior deles.

Então, em 2015, você completa 20 anos de carreira. Existe algum momento mais marcante nessa trajetória?

Aos 18 anos, decidi morar no Rio de Janeiro, com total apoio dos meus pais. Fiz o curso do Tablado, mas foi uma total decepção. Lá, o teatro era voltado para a televisão e não era aquilo que eu queria para mim. Porém, também foi no Rio onde conheci o grupo Os Fudidos Privilegiados, dirigido pelo Antônio Abujamra (1932-2015). Eles eram transgressores, totalmente diferentes do que via no Tablado. Ali, decidi: “quero ser diretor, não quero ser ator”. Depois disso, voltei para Brasília e, em 2001, criei o grupo Desvio, que me acompanha até hoje. A Universidade de Brasília (onde Rodrigo estudou artes cênicas e, atualmente, faz pós-doutorado) era minha escola de verdade, mas o Desvio era a minha escola íntima, em que eu tinha liberdade para fazer tudo.

Quem são suas referências?

Nunca me apaguei a um artista ou a um trabalho específico. Sempre me aprofundi em alguns nomes. Claro, que tem aqueles que sempre vão e voltam, como é o caso do Samuel Beckett. Em 2004, montei a peça *Beckett às avessas* e *Misanthrofreak* também tem referência a ele.

Seu trabalho é baseado em pesquisas que mesclam cinema, teatro e tecnologias. Como isso começou?

Não havia referências à tecnologia no trabalho do grupo Desvio. Antigamente, eu acreditava que a tecnologia não funcionava no teatro. Eu via essa junção dando errado e tinha uma certa aversão. Estava em Nova York, fazendo parte do meu doutorado, quando fiz um curso sobre um software muito utilizado no teatro, o Isadora, no 3 Legged Dog, um espaço de investigação em tecnologia. Ali, passei a acreditar que podia dar certo. O meu diálogo com o Fernando Gutiérrez, do grupo Desvio, também me auxiliou muito nesse processo. A tecnologia é muito sedutora. Por isso, é importante pensar até que ponto elas podem contribuir para o seu discurso.

Misanthrofreak é a sua primeira peça que conta com esses elementos?

Na verdade, não. Comecei a trabalhar com isso no meu doutorado. Foi naquela época que comecei a pensar como o cinema pode entrar no teatro, seja com projeção, com linguagem, etc. Estava experimentando essas misturas nos espetáculos da Faculdade Dulcina, onde dava aulas. Fiz duas montagens (formaturas dos estudantes): *Festim diabólico*, inspirado no filme Alfred Hitchcock, em que atores saíam de uma tela de projeção e iam para o palco; e *Vilarejo distante*, em que experimentei como a linguagem do cinema podia estar em cena, sem a projeção. Tempos depois, montei *Sexton*, no Centro Cultural Banco do Brasil, e *Misanthrofreak*, em Nova York.

Qual é a relação de *Misanthrofreak* com Nova York?

Morei lá por sete meses, fazendo a pesquisa para o meu doutorado. Quando encontrei com a minha supervisora, ela disse o que eu queira ouvir: “Você está em Nova York. Vai ficar trancado em bibliotecas, lendo livros que podem ser encontrados no Brasil? Tem muita coisa para você aprender aqui”. Criei um projeto e mandei timidamente para residências. Era quase impossível conseguir, mas aceitaram o meu projeto e tive um mês para montá-lo e apresentá-lo. Fiz a primeira versão do espetáculo e foi legal o resultado. O curador de um outro

espaço assistiu e me convidou para outro experiência para dali a dois meses. Ali, apresentei o *Misanthrofreak*.

Em fevereiro, você foi para a Geórgia (país vizinho da Rússia), onde dirigiu o espetáculo 2+2=2 a convite da Akhmeteli Theatre de Tbilisi. Como surgiu essa proposta?

No fim de 2014, mostrei *Misanthrofreak* na Estônia. O diretor do festival me apresentou para o diretor do Akhmeteli Theatre de Tbilisi. Mesmo sem falar inglês, ele elogiou minha peça e me contou sobre a ideia de internacionalizar o teatro dele. Conversamos sobre a possibilidade de fazer algo juntos e o Ministério da Cultura da Geórgia financiou minha ida para Tbilisi, a capital. A experiência foi uma loucura: em menos de um mês, montei uma peça com atores que nunca tinha visto na vida. Fiquei hospedado na casa do dramaturgo e tive um dia a dia georgiano. A cultura deles é muito diferente da nossa, em vários aspectos, e isso mexeu muito comigo.

Como funciona a questão da língua na montagem?

Uso a legenda de uma outra maneira que não a tradicional. Ela é quase uma personagem, pois tem uma postura crítica. No início, a ideia era trabalhar a questão fronteira, pois a Geórgia tem muitas questões relacionadas ao tema. No final, o enredo foi além da temática territorial e também trabalhou questões de gênero, realidade e ficção.

A peça foi considerada pela crítica do país como uma das melhores montagens dos últimos anos da Geórgia....

Foi um sucesso tremendo. Recebi um prêmio do Ministério da Cultura daquele país pela minha contribuição na cultura da Geórgia. A crítica tradicional recebeu super bem. E eles continuam apresentando lá.

Em agosto, a peça será apresentada no Cena Contemporânea...

É uma coprodução com o Cena. Eles me convidaram e o Alaôr Rosa, (responsável pela coordenação de produção) fez a proposta de entrar como co-

produtor do projeto. Vem toda equipe: os quatro atores, o diretor da peça e o dramaturgo. Será interessante porque é uma montagem muito musical. A Geórgia tem uma relação com a música que nunca tinha visto antes.

A apresentação será igual àquela apresentada na Geórgia?

Quando eles convidaram, pensaram justamente em um espetáculo que tivesse o formato viável. São apenas quatro atores e o cenário são quase biombos para as projeções. Como a apresentação será no Brasil e tem um diretor brasileiro, quero trabalhar esse influência na obra. Colocar algumas canções nossas, como *Canto de Ossanha* (Baden Powell/Vinicius de Moraes), por exemplo.

Qual é a importância desse intercâmbio cultural?

Depois do convite, fui atrás de informações sobre a Geórgia. Há pouco tempo, aconteceu uma mostra de filmes com títulos de lá, mas ainda conhecemos pouca coisa sobre eles. É um momento bom para descobrir mais da cultura de lá, principalmente porque 2+2=2 tem muita música, que é uma linguagem universal.

Os fracassados, espetáculo que dirige com o Grupo Desvio tem estreia prevista para novembro de 2015. Quais são seus próximos projetos?

Tenho dois. O primeiro é *Os fracassados*, com o grupo Desvio e os convidados Gil Roberto e Samir Andreolli. Estamos com esse espetáculo há três anos e sempre fracassando em todos os editais. Finalmente, ele foi aprovado! O outro projeto é o meu pós-doutorado. Darei continuidade à investigação sobre o monólogo e, provavelmente, no próximo ano, farei outro espetáculo solo.

Em 2008, você participou de *Os demônios*, de Fiódor Dostoiévski, dirigida por Antônio Abujamra e Hugo Rodas. Qual era sua relação com Abujamra?

O Hugo me convidou e fiquei muito feliz. Quando morava no Rio, o Antônio Abujamra era uma das minhas inspirações, então, em *Os demônios* foi a chance de trabalhar com um cara que sempre admirei. Ele tinha um senso de humor incrível e soltava várias pérolas. Abujamra dizia que o fracasso era muito bom e que a maioria das peças dele foram verdadeiros fracassos. Eram essas montagens que importavam para ele, pois era quando ele ousava mais. De certa forma, ele me influenciou, afinal, tudo que tenho feito tem a ver com o fracasso. Abujamra foi uma figura marcante.

Como você avalia o atual cenário da cultura no DF?

Há várias pessoas dentro do governo que são com uma mentalidade renovada. Diante disso, ficamos mais esperançosos. Porém, quando vemos o panorama geral do Brasil, a situação da Funarte e das poucas leis de incentivo que existem e precisam ser revistas, o cenário muda. Para o governo, sempre há um ano de transição, mas é preciso entender que o artista não para de produzir. Os próximos meses serão difíceis para a cultura, mas fico otimista pelas pessoas que estão lá, como o Juca Ferreira e o Guilherme Reis.



Carlos Moura/CE/DA Press

TALLENTO MULTIMÍDIA



Arts & Entertainment, Brasília, Sunday 26th of May 2015 - Correio Brasiliense

Nice to Meet You – Rodrigo Fischer: Multimedia Talent

Interview by Máira de Deus Brito with Rodrigo Fischer

Actor, director, academic. Rodrigo Fischer is multifaceted as is his work. With a 20-year career, he is one of the leading and most inventive artists of Brasília. In more recent productions, such as *Misanthrofreak*, he analyzes film, theater and technological relations. "Technology is very seductive. Therefore, it is important to think about how it can contribute to the narrative," he emphasizes. In August, he will show the audience of the theater festival *Contemporary Scene (Cena Contemporânea)* his $2 + 2 = 2$ show, which premiered in February in Georgia. At the invitation of the *Akhmeteli* Theater in Tbilisi, Fischer set up a play in less than a month, with actors who speak only Georgian, but do not have language barriers. "I use the subtitle in an untraditional way. The subtitle is almost a character because it has a critical posture," he says.

How does the theater come into your life?

The way the theater came into my life was a bit peculiar. First, I had no interest at all. There was no such story: "I've always wanted this since I was a kid or I was the funny guy, the storyteller". On the contrary, I have never had the stereotype of an actor, who is uninhibited. I went to the theater just to be less shy. My family does not have a cultural tradition, so I saw just a few plays as a child. In 1995, I took a theater workshop at *Casa do Candango (Candango's house)*, directed by Plínio Mósca. From then on, I was dominated by the theater and I came to the conclusion that it was what I wanted to do for a living. I was the worst in the class. I could not memorize lines. I think I am always looking for challenges and theater was the biggest of them.

In 2015, you complete your 20-year career. Would you like to highlight any moment in your trajectory?

When I was 18 years old, I decided to live in Rio de Janeiro, with the full support of my parents. I went to do the famous course *Tablado*, but it was a total disappointment. In Rio, theater was very influenced by the soap opera aesthetic and I did not want this for myself. However, I had the chance to get in touch with the experimental theater group *Fudidos Privilegiados*, directed by Antônio Abujamra (1932-2015). They were transgressors, totally different from what I saw at *Tablado*. So, I decided: "I want to be a director, I do not want to be an actor". After that, I returned to Brasília and, in 2001, I created my theater company *Grupo Desvio (Detour Group)*, which I still work with. The University of Brasília (where Rodrigo studied performing arts and currently does his postdoctoral studies) was my formal college, but Grupo Desvio was my personal university where I could create everything I wanted with freedom.

Who are your references?

I've never clung to any artist or a specific work. Of course, there are those who always come and go, as it is the case of the playwright Samuel Beckett. In 2004, I created one piece based on his work called *Upside-down Beckett* and in 2013 I created the piece *Misanthrofreak*, which also has a reference to him.

Your work is based on research which blends cinema, theater and technology. How did this start?

In the beginning, there was no such reference to technology in Desvio's productions. In the old days, I used to believe that technology does not work in theatre. Once, I saw one

multimedia performance where everything technological failed and that's why I was mistrustful of tech onstage. But, when I was doing my Ph.D in New York City, at 3 Legged Dog I did a very interesting workshop working with technology in a performance called *Isadora*. Then I started to think it could be good to work with technology. The encouragement of my artistic partner Fernando Gutiérrez also helped me to go on. Technology is very attractive and that's why you need be aware to see how it can contribute to the narrative or not.

***Misanthrofreak* is your first piece based on these elements, right?**

Not really. I started working on this during my doctorate. It was in that time that I began to think about how cinema can contribute to the theater, whether using projections or as a language, etc. I was using this interface of cinema and theater at the department of Dulcina, where I used to work as a professor. I create two shows with the students: *The Rope* inspired in Alfred Hitchcock's movie, where I worked on the continuity between the screen and the stage; and *The Village* (Vilarejo Distante), where I experienced how the cinematic technique could improve the theater technique, without using projections. In 2013 I created a performance at the Banco do Brasil Cultural Center called *Sexton* and then, *Misanthrofreak* in New York.

What does *Misanthrofreak* have to do with New York?

I lived in NYC for seven months while I was doing my Ph.D research. When I first met my supervisor, she said what I wanted to hear: "You're in New York. Are you going to stay locked in libraries, reading books that can be found in Brazil? You have a lot to do and create in NYC". So I created a project and I sent it for some artistic residences. I thought it was almost impossible to get accepted accept, but luckily they accepted my project and I had a month to set up and show it. So I created the first version of the show and the result was cool. The curator from another space attended it and invited me to another artistic residence at 3 Legged Dog in two months' time. There, I created and showed the performance *Misanthrofreak*.

In February, you went to Tbilisi, Georgia, where you directed the show 2+2=2 with the ensemble *Akhmeteli* Theatre. How did this proposal come about?

At the end of 2014, I showed *Misanthrofreak* in Estonia. The director of the festival of that festivla introduced me to the director of the Akhmeteli Theater from Tbilisi. Even without speaking English, he praised my performance and told me about the idea of internationalizing his theater. We talked about the possibility of doing something together and four months later the Georgian Ministry of Culture financed my trip to Tbilisi. The experience was crazy: in less than a month, I set up a play with actors I had never seen in my life. I stayed at the playwright's house and had a Georgian day-to-day. Their culture is very different from ours in many ways, and it has moved me a lot.

How was the issue of language, considering they speak Georgian?

I use the subtitle in an untraditional way. The subtitle is almost a character because it has a critical posture. At first, the idea was to work on the separatist issue, considering Georgia has many issues related with it. In the end, the plot went beyond the territorial subject and we also worked on issues of gender, reality and fiction.

The piece was considered by critics of the country as one of the best pieces of the last years in Georgia

It was a tremendous success. I received an award from the Ministry of Culture for my contribution to the culture of Georgia. The traditional critics supported the contemporary performance. Well, they are still touring in Georgia.

In August, the play is going to be presented at the *Contemporary Scene (Cena Contemporânea)*.

It's a coproduction with *Contemporary Scene*. They invited me and Alaôr Rosa (the festival's producer) made the proposal to become a co-producer of the project. The whole crew are coming: four actors, the director of Akhmeteli and the playwright. It will be interesting because it is a kind of musical. Georgia has a relationship with music that I had never seen before.

Will the presentation be the same as you presented in Georgia?

When they invited me, we decide to create a piece which we could easily travel. There are only four actors and the scenery is almost a structure for projection. Considering we are going to show in Brazil I want to use more Brazilian influences. For instance, I want to use some Brazilian songs, such as Canto de Ossanha, composed by Baden Powell and Vinicius de Moraes.

What is the importance of this cultural exchange?

After the invitation, I decided to investigate Georgian culture and history. Recently we had a film festival about Georgia, but we still know very little about them. It is a good time to find out more about their culture, especially since $2 + 2 = 2$ has a lot of music, which is a universal language.

***The Losers*: it's a show that you direct with *Grupo Desvio* that is coming up this November. What are your next projects?**

I have two. The first is *The Losers* with the *Grupo Desvio* and some invited actors like Gil Roberto and Samir Andreolli. We have been with this show for three years and we have always failed to have a sponsor. Finally, we have it approved! The other project belongs to my postdoctoral research. I will continue my research about one-man shows and next year I want to create a new monologue.

In 2008, you participated in the show *Demons* by Fyodor Dostoevsky, directed by Antônio Abujamra and Hugo Rodas. What was your relationship with Abujamra?

When Hugo invited me I felt very happy. When I lived in Rio, Antônio Abujamra was one of my biggest inspirations, so *Demons* was my chance to work with him, a director who I had always admired. He used to have an incredible sense of humor and he was always telling funny stories. He used to say that failure was very good and most of his pieces were real failures. He was very interested in failure. In a way, it influenced me, after all, everything I've been doing has to do with failure. Abujamra was a great person

How do you evaluate the current scenario of culture in Brasilia?

There are several people in the government who are committed to art and culture. So, we hope it's going to be better. Otherwise when we look into the current panorama of Brazil, the Funarte situation for instance, we realize we have a lot of things to change. The next months are going to be hard for culture, but I feel a little bit optimistic when I know we have good politicians such as Juca Ferreira and Guilherme Reis.

(PHOTO)

Tunisie : « Misanthrofreak », une pièce théâtrale brésilienne de Samuel Beckett présentée aux JTC 2018

by Sana BELAAZI — 15 décembre 2018 in Culture, Lifestyle

0



Le Théâtre des Jeunes Créateurs de la Cité de la culture a été merveilleusement squatté vendredi 14 décembre 2018 par des artistes venus du Brésil, un pays géographiquement lointain mais combien même très proche de nous, de par les aspirations de ses artistes et la réalité de son peuple, pour présenter dans le cadre de la 20^{ème} édition des Journées Théâtrales de Carthage : « Misanthrofreak », une pièce théâtrale de 50 minutes, mise en scène par Rodrigo Fischer d'après « L'Innommable » de Samuel Beckett.

Portée par un seul comédien, Rodrigo Fischer, cette pièce est une récente création de la compagnie Grupo Desvio, la pièce est axée sur deux thèmes essentiels : l'échec et la difficulté de prendre des décisions. Histoires croisées racontées d'une manière à la fois poétique et ludique par ce seul comédien qui usant des nouvelles technologies et proposant des vidéos, il offre à voir un show exceptionnel, à la croisée des genres et des styles.



Chez Beckett, l'Innommable est un homme immobile, incapable de bouger, incapable de parler, incapable de ne pas parler. Assis dans un endroit gris, environné de gris, il ne voit presque rien, n'entend rien, ne sent rien... Un homme réduit à sa plus simple expression, à savoir une conscience. Conscience d'être et d'avoir une conscience, qui dit « je », qui se cherche, qui cherche ce qu'est la vie.

Dans cette pièce, Rodrigo Fischer a reproduit l'univers absurde exprimé par Beckett dans l'Innommable en opérant une lecture personnelle qui a conféré à l'œuvre initiale un air de fraîcheur prouvant si besoin est que l'Homme et ses préoccupations sont les mêmes quel que soit l'époque et l'espace. Sur scène, un carnet défilé dont les pages sont jetées comme des déchets à même le sol, un fauteuil et deux tables basses sur l'une desquelles est posé un verre vide. Au bout de la scène, des images défilent sur un grand écran avec des mots incompréhensibles comme c'est le cas de l'existence du personnage. De la musique, du Karaoke des images, des annonces du début de chaque acte s'affiche çà et là dans cet espace confiné que les projecteurs effleurent pour en accentuer l'angoisse.

Avec cette mise en scène épurée mais très contemporaine, Rodrigo Fischer a brillamment réussi à créer le néant auquel aspire sans le savoir son personnage évoluant dans une ambiance caverneuse et une atmosphère très pesante qui le condamne au silence malgré son désir de s'exprimer.

« Misanthrofreak » sculpte les maux d'un personnage qui tente de surmonter les tensions de son passé, de fuir ses souvenirs et de partager avec le public son histoire. Une histoire ponctuée de frustrations de ne pas pouvoir parler ou s'exprimer, de ne pas pouvoir créer un récit où le silence est porteur de messages.

Tunisia: "Misanthrofreak", a Brazilian play by Samuel Beckett presented at JTC 2018.

Review

by Sana BELAAZI — December 15th, 2018 in Culture, Lifestyle

The Theater of the Young Creators of the City of Culture was beautifully invaded on Friday, December 14th, 2018, by artists from Brazil, a geographically distant country, but very close to us, by the aspirations of its artists and the reality of its people, to perform in the context of the 20th edition of Carthage's Journée Théâtrale: "Misanthrofreak", a 50-minute play by Rodrigo Fischer from Samuel Beckett's "The Unnamable."

Directed and performed by a single person, Rodrigo Fischer, this work, which is a recent creation of Grupo Desvio, focuses on two key themes: failure and difficulty in making decisions. Transverse stories are told in a poetic and playful way by this single actor, who using new technologies and proposing videos, offers an exceptional show, crossing genres and styles.

In Beckett's work, the unnamable is a motionless man, unable to move, unable to speak, unable not to speak. Sitting in a gray place surrounded by gray, he sees almost nothing, hears nothing, feels nothing ... A man reduced to his simplest expression, namely a conscience. Consciousness of being and having a consciousness, that says "I", that seeks, that seeks what is life.

In this play, Rodrigo Fischer reproduced the absurd universe expressed by Beckett in the Unnamable, performing a personal reading that gave the original work an air of freshness proving, if necessary, that man and his concerns are the same whatever the time and space. On stage, a broken notebook whose pages are thrown as trash on the floor, an armchair and two low tables where on one of which is placed an empty glass. In the background of the scene, images move on a large screen with incomprehensible words, such as the existence of the character. Music, karaoke, images, announcements at the beginning of each act appear here and there in this confined space that the projectors reveal to accentuate the anguish.

With this subtle but very contemporary staging, Rodrigo Fischer has brilliantly created the nothingness to which he aspires without knowing his character, evolving in a cavernous environment and a very heavy atmosphere that condemns him to silence, despite his desire to express himself.

"Misanthrofreak" carves the evils of a character who tries to overcome the tensions of his past, escape his memories and share his story with the public. A story punctuated by frustrations of not being able to speak or express oneself, of not being able to create a story where silence carries messages.

TEATRO / O ator e diretor Rodrigo Fischer fala sobre a surpreendente experiência em Nova York no seu mais novo trabalho

Incansável aprimoramento

» PAULA BITTAR
ESPECIAL PARA O CORREIO

Rodrigo Fischer segue resistindo à aridez que se mostra muitas vezes como cenário na sobrevivência da arte. O ator e diretor, já conhecido do público brasileiro, não cansa de se reinventar. À frente do Grupo Desvio, criado em 2001, a experimentação no teatro vem tomando todos os trabalhos do artista. A procura pelo aprimoramento prático o levou a aprofundar no cinema em busca de elementos que ajudem na composição cênica.

"Como diretor, nunca encarei bem peças ditas como teatrais. Questionava: como posso resolver isso?", conta o ator. A inquietude o lançou na pesquisa para o doutorado na Universidade de Brasília (UnB). "A minha pesquisa é sobre como a linguagem cinematográfica pode ajudar o teatro. Meu estudo é baseado na obra do cineasta John Cassavetes, considerado o pai do cinema independente. Entrevistei pessoas que trabalharam com ele para desenvolver algo prático", diz.

Em 2013, realizou parte da pesquisa de campo na The City University of New York (Cuny), em Nova York. Ali, surgiu a ideia de entrar em processo de seleção

de uma residência cultural. É um espaço de cultura privado que oferece a infraestrutura para o artista criar. O suporte pode variar de residência para outra, mas a finalidade é sempre a mesma: possibilitar o desenvolvimento de projetos artísticos, sem exigir qualquer pagamento em troca, apenas o aprimoramento. *Misanthrofreak*, o mais novo trabalho de Fischer, nasceu a partir dessa experiência.

Já a inscrição ao processo seletivo da residência *Here* foi despretensiosa. Da incerteza dos rumos que o projeto tomaria, o ator e pesquisador recebeu um convite de outra casa de incentivo à cultura, a 3-Legged Dog, o que o surpreendeu.

"Me disseram: 'Só queremos que você desenvolva o seu trabalho. Não queremos nada em contrapartida'. Foi incrível ouvir isso, quase chorei. Ofereceram a estrutura física do teatro e ajuda com a produção. Um espaço de referência em Nova York", lembra Rodrigo Fischer.

Aproveitou a oportunidade para estruturar a peça para futuras apresentações, como a temporada já confirmada na Europa em outubro. A estreia em Brasília não tem data marcada, mas Rodrigo Fischer espera se apresentar na capital ainda no primeiro semestre.

R\$ 13 MIL

Valor arrecadado por meio da internet para o financiamento da peça

Juliano Chiquetto/Divulgação



Dana Diner/Divulgação



Juliano Chiquetto/Divulgação

» Investimentos

O financiamento

» Na primeira residência, o ator investiu do próprio bolso. Na segunda, buscou ajuda crowdfunding benfeitoria, financiamento coletivo. Arrecadou pela internet por volta de R\$ 13 mil. O dinheiro foi todo investido no espetáculo que teve sua primeira apresentação ainda em Nova

York. "O legal do financiamento coletivo é que não tem concessões. Se você ganhar um FAC, por exemplo, tem que apresentar em lugares menos privilegiados, o que é um absurdo, às vezes. Acho que temos que levar teatro para todo o Distrito Federal sim, mas não há estrutura", pondera o artista.

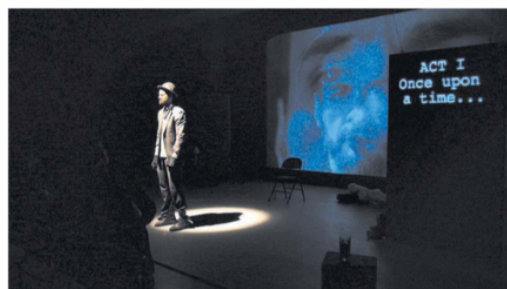
O espetáculo

» *Misanthrofreak* é um solo em que o diretor e ator Rodrigo Fischer transita entre o espaço cênico e o espaço cinematográfico, por meio de sua própria interação com tecnologias que permitem a manipulação da cena em diversas instâncias, desde o controle da luz, som, câmera e projeção. O audiovisual é um

reforço para ajudar na percepção do público. "É um monólogo, mas com poucas falas. É uma peça em que eu confronto muito o público", revela Fischer.

www.correiobraziliense.com.br

Assista ao trecho da peça *Misanthrofreak* apresentada em Nova York e leia entrevista com Rodrigo Fischer.



Juliano Chiquetto/Divulgação

Imagens do espetáculo de Rodrigo Fischer que foi aprimorado em Nova York

Tireless Improvement - Actor and director Rodrigo Fischer talks about surprising experiences in New York in his latest work

>>PAULA BITTAR
SPECIAL TO CORREIO

Rodrigo Fischer keeps resisting the aridity that is often shown as a setting in art's survival. The actor and director, already known to the Brazilian public, never tires of reinventing himself. He is the founder of Grupo Desvio, and since its creation in 2001, the company's mission in experimental theater is artist-focused. The search for practical improvement led him to dig deep in cinema in search of elements that help in performing arts composition.

"As a director, I have never had interest in plays considered 'theatrical'. So, I asked myself: how can I figure this out?", says the actor. This restlessness launched him into research for his P.h.D. at the University of Brasilia - UnB. "My research is about how the cinematographic aesthetic can contribute to theater. My study is based on the work of the filmmaker John Cassavetes, considered the father of independent cinema. I interviewed people who worked with him to develop something practical", he says.

In 2013, he did one part of his P.h.D. research at The City University of New York (CUNY) in New York City. At that time came, the idea of doing an artistic residence came up. It is a private cultural space that provides the infrastructure for the artist to create. The support may change from residence to residence, but the purpose is always the same: to enable the development of artistic projects, without requiring any payment in return, only improvement. *Misanthrofreak*, Fischer's newest work, was born from that experience.



**R\$ 13
thousand**

The amount invested
by crowdfunding
to create the show

The application to the Here artist residence was unpretentious. From the uncertainty of the direction that the project would take, the actor and researcher received an invitation from another cultural institution, The 3-Legged Dog, which surprised him. "They told me: 'We just want you to do your work. We don't want anything in return'. It was amazing to hear that, I almost cried. They offered the space of the theater and help with the production. A landmark cultural space in New York", recalls Rodrigo Fischer.

He took the opportunity to structure the play for future performances, such as the season already confirmed in Europe in October. The debut in Brasilia has no date set, but Rodrigo Fischer expects to present in the capital in the first semester.

(PHOTOS)

Images from Rodrigo Fischer's show that was enhanced in New York.

>> Investments

The investment

In the first artistic residence, the actor invested from his own funds. In the second, he did with investments coming from crowd funding. He raised through the internet around R\$ 13 thousand reais. The money was all invested in the show that had its first performance in New York. "What is cool about crowdfunding is that it has no concessions. If you earn an Institutional fund, for instance, you have to do things which are sometimes absurd. I think we need to spread theater to the entire Federal District, but we need to have structure to do it", says the artist.

The show

Misanthrofreak is a solo show in which the director and actor Rodrigo Fischer moves between the theatrical and the cinematographic space, through his own interaction with technologies that allow the manipulation of the scene in various instances, from managing the light, sound, camera and projection. The audiovisual is a reinforcement to help the audience's perception. "It's a monologue, but almost a non-speaking show. It's a piece in which I confront the audience a lot", reveals Fischer.

კონსტიტუციური უფლება და ადამიანი



ლაშა ჩხარტიშვილი

თარიღი: 10/03/20

კატეგორია: რეჟანა



თუ გსურთ, გადატვირთული და დაძაბული სამუშაო დღის შემდეგ, საღამო თეატრში არათეატრალურად, არაორდინალურად და ლაღად გაატაროთ, ნახოთ უჩვეულო სანახაო და შეიგრძნოთ რაღაც განსაკუთრებული, მაშინ ახმეტელის თეატრს უნდა ეწვიოთ და როდრიგო ფიშერის პერფორმანსი ქართველი მსახიობების მონაწილეობით უნდა ნახოთ. ახმეტელის თეატრი ალტერნატიულ წარმოდგენას, ე.წ. ფორუმ თეატრს გვთავაზობს, რომელშიც მაცურებელი ნებით, თუ უნებლიეთ ჩართულია. რეჟისორი სრულ თავისუფლებას გვაძლევს, იმისაც, რომ დავტოვოთ სპექტაკლი, თუმცა ორ საპრემიერო ჩვენებაზე გადაჭედილ დარბაზში ამის სურველი არავის გასჩენია. პირიქით, ეს ის შემთხვევა იყო, როცა თეატრიდან გამოსვლა არავის უნდოდა და წარმოდგენის დასრულების შემდეგ ყველა ერთმანეთს უზიარებდა სპექტაკლზე მიღებულ შთაბეჭდილებებს.

პერფორმანსის ტიპის წარმოდგენა „2+2=2“, რომლის პრემიერაც ახმეტელის თეატრში გაიმართა, სიცილ-ხარხარის თანხლებით მიმდინარეობს და ისეთ მნიშვნელოვან და აქტუალურ პრობლემებს ეხება, რომელთა გადაჭრის გზებიც კაცობრიობამ ჯერ ვერ იპოვა. შესაბამისად, გადაჭრის გზებს ვერც სპექტაკლის შემოქმედებითმა ჯგუფმა მიაგნო, თუმცა საჭირ-ბოროტ საკითხებზე მაცურებელი აალაპარაკა და შესაბამისად, დააფიქრა კიდევ.



ცოცხალი და რეალისტური სურათებით გაჯერებული სპექტაკლი ახმეტელის თეატრში ბრაზილიელმა რეჟისორმა როდრიგო ფიშერმა დადგა (სპექტაკლის მხატვარი მარიკა კვაჭაძე). ბოლო პერიოდში ამ თეატრის აფიშაზე არავის უკვირს უცხოელი რეჟისორების სახელების წაკითხვა. როდრიგო ფიშერი ცნობილი ბრაზილიელი მსახიობი, რეჟისორი თეატრის მკვლევარია, რომელმაც ახმეტელის თეატრში სარეჟეტიციო პროცესის პარალელურად ერთი მონოსპექტაკლი „მიზანთროპი“ და სამდღიანი მასტერკლასი გამართა სამსახიობო ფაკულტეტის სტუდენტებისა და თეატრით დაინტერესებული ნებისმიერი პირისათვის. ვინც ბრაზილიელის რეჟისორის მასტერკლასს დაესწრო, მისთვის იოლი მისახვედრი იქნებოდა საპრემიერო სპექტაკლის შემოთავაზებული ჟანრი და ესთეტიკა. იგი თეატრისა და კინოს ურთერთკავშირს წლებია იკვლევს და მისი სპექტაკლები მსოფლიოში აღიარებული თეატრის თეორეტიკოსების შრომებს ეფუძნება, რომელსაც ახალგაზრდა რეჟისორი პრაქტიკაში წერგავს. მულტიმედიური ხერხის Live მიმართულება ამ შემთხვევაში, ყველაზე ორგანული და ორიგინალური მიგნება იყო, რომელიც სპექტაკლს არა მხოლოდ ვიზუალურად ფუთავს, არამედ სათქმელის გამოხატვის ერთ-ერთ საშუალებად აქცევს.

გულახდილად რომ ვთქვათ, ბოლო პერიოდში, ახმეტელის თეატრში განხორციელებული კოპროდუქციებიდან ქართული პუბლიკა და სათეატრო კრიტიკა სწორედ როდრიგო ფიშერის დადგმამ მოხიბლა. საათნახევრის განმავლობაში მაყურებელი ბოლომდე ჩართული იყო წარმოდგენის მსვლელობაში და ამ ჩართულობას მხოლოდ სპექტაკლში გამოყენებული ინტერაქტივის მეთოდი კი არ განაპირობებდა, არამედ ოსტატურად და საინტერესოდ აწყობილი ეპიზოდები. რა დასამალია და მაყურებლის მიზიდულობას და ჩართულობას მსახიობთა ფაქტურა, მათი სცენური მომხიბვლელობა, ხიბლი და ტემპერამენტი უწყობდა ხელს და რაც მთავარია, ის მტკივნეული საკითხების დასმა, რომელიც ჩვენში (ისე როგორც მთელ მსოფლიოში) აქტუალურია და ახლობელი. სასიხარულო იყო, რომ ზღვარი სცენაზე წარმოდგენილ პერსონაჟებსა და მაყურებელს შორის მთლიან მოშლილი იყო და მსახიობები ერთი წამითაც არ წყვეტდნენ კონტაქტს მაყურებელთან.



<http://artarea.tv/inside/1512/konstitutsiuri-ufleba-da-adamiani>

The Theater Critic – Review by Lasha Chkhartishvili

After an exhausting and tensed working day, if you want to spend the evening at the theater but in an untheatrical, extraordinary way, to relax, to see an unusual performance and feel something special, then you should visit Akhmeteli Theatre and watch the alternative performance of Rodrigo Fischer with the participation of Georgian actors. Akhmeteli Theatre is offering us an alternative performance of so called "forum theater", where spectators voluntarily or unwittingly are involved in the performance. The audience has complete freedom from the director, even to leave the performance, but in a fully crowded hall there was not anyone who might have this kind of desire. On the contrary, not a single person wanted to leave the theatre in the end of the performance and after finishing it everyone was sharing impressions they had during the performance.

(PHOTO)

Live and full of realistic pictures, the performance of $2+2=2$ touches such significant and current problems which humanity has not found the ways to solve so far. Respectively, the artistic group of the performance also doesn't have answers, but at least they make the audience talk on issues of the day in an accordingly thoughtful way.

Among the co-productions made at Akhmeteli theatre recently, Rodrigo Fischer's performance $2+2=2$ fascinated the Georgian audience and theater critics more than any other. Fischer created one of the most interesting and impactful performances of Akhmeteli's history. During an hour and a half, the spectator is fully involved in the performance not only because it uses interactive methods, but also because the scenes that are constructed so skillfully. The audience's attention is drawn by the scenic charm and temperament of the actors, as well as the most important thing – the laying out of the painful problems that are so urgent not only in our society but also in whole world. There are no boundaries between the characters on stage and the spectator, and actors don't lose contact with the audience even for a second.

(PHOTO)

In the performance multimedia methods are used. They are not the "essential attributes", but are a very important and organic part of the performance that are used as instruments to introduce the inner condition of the actors and to show those details that are invisible to the eye of the spectator. Live multimedia and video recording is also an important part of the scenography together with the decorative illumination.

The authors of the performance have touched different important themes – alienation, lack of love and human connection, issues of human freedom, problems of individual realization, nihilism, and the exploration of the dramatic inner world of lonely people.

(PHOTO)

Gigi Migriauli, Sophia Sebiskveradze, Andria Gvelesiani and Giorgi Tskhadadze are representing not only characters but also themselves. I can't say it was an easy task for the actors because at the same time they play themselves and the characters in different situations. This process of transformation is so natural that the audience doesn't feel jarred by it. On the stage we can see four talented actors and the contact with them is a big pleasure not only for their scenic charm but also for their feeling of partnership, naturalness, and artistic sincerity. At the same time they are playing and singing with different musical instruments and it has a big effect on the spectator.

(PHOTO)

DIEGO BRESANI/DIVULGAÇÃO



O solo de Rodrigo Fischer aborda o fracasso, o erro e a dificuldade de tomar decisões

Entre o teatro e o cinema

Maíra de Deus Brito

APÓS UMA PROGRAMAÇÃO com debates e oficinas, o projeto *Misanthrofreak: entre o teatro e o cinema* chega à reta final. De hoje a domingo, na Caixa Cultural, Rodrigo Fischer encena montagem homônima. No espetáculo solo, Fischer — que é responsável pela direção, concepção, dramaturgia e atuação —, aborda o fracasso, o erro e a dificuldade de tomar decisões.

“Não quis trabalhar apenas com a peça nesse evento. Quis uni-la a outras ações para discutir como o teatro pode contribuir para o cinema e vice-versa”, conta o artista brasileiro.

“Já venho trabalhando há dois anos com o *Misanthrofreak*, que estreou em Nova York (EUA) e passou por cinco países. Depois de curtas temporadas na Funarte, no Sesc e

no Cena Contemporânea, o espetáculo tem, pela primeira vez, a oportunidade de estar em cartaz por quatro dias consecutivos. É uma trajetória bem bacana”.

A estreia foi no fim de 2013, porém Fischer destaca: “É um espetáculo que vai se modificando. Ele mistura realidade e ficção, por isso agrega as diferenças culturais de cada cidade por onde passou. Como utiliza o improviso, a peça se constrói a cada instante. A resposta do público conta muito também. Não é interativa, mas tem um diálogo que vai além da comunicação verbal.”

SERVIÇO

Misanthrofreak

Teatro da Caixa (SBS, Q. 4, Lt. 3/4; 3206-9448). Hoje e amanhã, às 20h; e domingo, às 19h. Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos.

20
anos

Tempo de carreira
do ator e diretor
Rodrigo Fischer

ROTEIRO



Elenco brasileiro brilha em *Os fantasmas*

Teatro

Plano Piloto

O CAMPO DE BATALHA

Centro Cultural Banco do Brasil (SCES, Tc. 2, Cj. 22; 3108-7600) Hoje e amanhã, às 21h; e domingo, às 20h. Direção: Márcio Meirelles. Com Rodrigo dos Santos e Aldri Anunciação. Dois soldados, inimigos na Terceira Guerra Mundial, se encontram durante um hiato do combate e se aproximam ao revelar questões pessoais um para o outro. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia). Não recomendado para menores de 16 anos.

EU VENCI VENDENDO DINDIM

Teatro do Brasília Shopping (SCN, Q. 5, Bl. A; 2109-2122) Amanhã, às 21h; e domingo, às 19h. Direção: Nilson Lima. Com Ribamar Araújo. A peça conta a história de um rapaz nascido no Rio de Janeiro que se mudou para Brasília aos 8 anos de idade. Depois de passar por dificuldades, sonhou com um dindim gigante e teve ideia para um trabalho. Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia). Não recomendado para menores de 12 anos.

OS FANTASMAS

Centro Cultural Banco do Brasil (SCES, Tc. 2, Cj. 22; 3108-7600) Hoje e amanhã, às 19h30; e domingo, às 18h30. Direção: Hugo Rodas. Com Murilo Grossi, Adriana Lodi e William Ferreira. A peça faz uma analogia entre o fim de uma relação amorosa, o término da vida e o encerramento de um

espetáculo e, com isso, reexamina a existência de um casal. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (meia). Não recomendado para menores de 16 anos.

INÍCIO FINEIO

Teatro Goldoni (Casa D'Itália, 208/209 Sul; 3244-3333) Hoje amanhã, às 21h; e domingo, às 20h. Direção: Abaeté Queiroz. Com Léo Gomes e Bárbara Gontijo. O espetáculo conta a história de amor de Liz e Roger, que já passaram por muitas brigas e tentativas de reconciliação. Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (meia). Informações: 8425-6885. Não recomendado para menores de 14 anos.

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA AO CASAMENTO

Teatro Maristão (615 Sul; 3445-6900) Amanhã, às 21h; e domingo, às 20h. Direção e atuação: Cia. de comédia G7. Situações cotidianas da vida de casado são mostradas com humor na peça. Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia). Assinantes do *Correio* pagam meia. Informações: 9351-1369. Não recomendado para menores de 16 anos.

MINHAS VERDADES

Teatro da Unip (913 Sul) Amanhã, às 21h; e domingo, às 20h. Nany People conta o que vivenciou durante sua carreira em um stand-up irreverente. Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia). Não recomendado para menores de 14 anos.

CIRCO KHROS

INGRESSO GRÁTIS

RECORTE ESTE E LEVE AO CIRCO VÁLIDO SOMENTE PARA (UMA) CRIANÇA DE ATÉ 10 ANOS

MADAGASCAR Ao Vivo!

QUINTA E SEXTA 20:30hs

SABADO e DOMINGO 16h, 18h 20:30hs

DIAS 14 15 16 17

FONE: (61) 8123-7159 / 94260859

ESTACIONAMENTO DO BOULEVARD SHOPPING

VISA MasterCard

Between theatre and cinema

(PHOTO)

Rodrigo Fischer's solo addresses failure, error and difficulty to make decisions

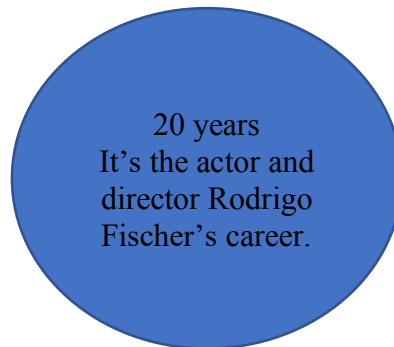
Between theatre and cinema

Maria de Deus Brito

AFTER A PROGRAMMING with debates and workshops, the *Misanthrofreak project: between theater and cinema* reaches the final step. From today to Sunday, at Caixa Cultural, Rodrigo Fischer presents Misanthrofreak. In the monologue, Fischer - who created, directed and perform - addresses failure, the mistake and the difficulty of making decisions.

"I didn't want to work just with the artistic piece at this event. I wanted to unite it with other actions to discuss how theater can contribute to cinema and vice versa", says the Brazilian artist.

"I've been working for almost two years with Misanthrofreak, which it was released in New York (USA) and has traveled to five countries. After short seasons at Funarte, Sesc and Cena Contemporânea, the show has, for the first time, the opportunity to be shown for four consecutive days. It's a pretty cool trajectory".



The premiere was in late 2013, but Fischer highlights: "It's a show that is changing. It mixes reality and fiction, so it brings together the cultural differences of each city where it has passed. As it uses improvisation, the piece is built every moment. The audience is very important too. It's not interactive, but it has a dialogue that goes beyond the verbal communication".

Service

Misanthrofreak

Teatro da Caixa Theater (SBS, Q. 4, Lt. 3/4; 3206-9448). Today and tomorrow at 20h; and Sunday at 7pm. Tickets: R \$ 20 and R \$ 10 (half). Not recommended for children under 14.

(/performance-studies/news/rodrigo-fischer-dixon-place)
(/performance-studies/news/rodrigo-fischer-dixon-place)

PERFORMANCE STUDIES VISITING SCHOLAR RODRIGO FISCHER'S LATEST SHOW "THE OTHER'S SHADOW" PREMIERES AT DIXON PLACE ON FRIDAY, JUNE 15TH AT 7:30PM.

Inspired by the Dostoyevsky's novel *Notes from the underground*, *The other's shadow* is a project across performance, video-installation, visual art, site specific and time-based media to talk about objects, people, landscapes and architectures that are no longer useful socially or utilitarian in New York City.

(/performance-studies/news/rodrigo-fischer-dixon-place).

(/performance-studies/news/rodrigo-fischer-dixon-place)Rodrigo Fischer (<http://www.rodrigofischer.com/?lang=en>) (Director and performer): Rodrigo Fischer is a Brazilian artist based in Brooklyn who develops hybrid research through film and theater, using new audiovisual technologies for the stage. For the past seventeen years, he has been directing the Brazilian Group *Grupo Desvio* to develop performances, techniques and theatre experimentations with an emphasis on the actor's craft, resulting in pieces like *Short Existence*, *Eutro*, *Misanthrofreak* and *The Losers*. He is currently doing a post-doctoral in Performance Studies at NYU, supervised by André Lepecki, to research the polyphonic correlation among images, objects, and body in performance.

GET TICKETS

([HTTP://DIXONPLACE.ORG/PERFORMANCES
OTHERS-
SHADOW/](http://dixonplace.org/performances-others-shadow/))